

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: O DESENVOLVIMENTO DO SER INTEGRADO

Henrique Cota da Silva; Centro Universitário UniFECAF – SP; henrique.cota@pro.fecaf.com.br;
Jane Nogueira Lima; Centro Universitário UniFECAF – SP; jane.lima@a.fecaf.com.br;
Daiane Marques Schincaglia; Centro Universitário UniFECAF – SP; daiane.schincaglia@a.fecaf.com.br;
Tania Regina Oshiro; Centro Universitário UniFECAF – SP; tania.oshiro@a.fecaf.com.br;
Vanessa Benedeti Moraes Santos; Centro Universitário UniFECAF – SP ; vanessa.benedeti@a.fecaf.com.br;
Fernando José Lopes; Faculdade Flamingo - SP; lopesfj2008@gmail.com

Resumo

O objetivo geral do artigo é compreender o transtorno do espectro autista e o processo de intervenção na perspectiva da Gestalt-terapia. Para alcançar esse objetivo, foi utilizada uma metodologia de pesquisa bibliográfica, que incluiu a análise de livros e artigos em sites acadêmicos e científicos selecionados em base de dados eletrônicos como: Scielo e PePSIC nos anos de 2014 a 2021. O estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa e teve como foco compreender o transtorno do espectro autista e a forma como a Gestalt-terapia pode ser aplicada no processo de intervenção terapêutica. O artigo fornece uma revisão da literatura sobre o transtorno do espectro autista, apresenta os princípios fundamentais da Gestalt-terapia e formas de intervenção terapêutica na perspectiva da Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista, Gestalt-terapia, intervenção terapêutica. Inclusão.

Data de recebimento: 27/05/2023

Data do aceite de publicação: 10/06/2023

Data da publicação: 10/07/2023

AUTISM SPECTRUM DISORDER: THE DEVELOPMENT OF THE INTEGRATED BEING

ABSTRACT

The general objective of the article is to understand the autism spectrum disorder and the intervention process from the perspective of Gestalt therapy. To achieve this objective, a bibliographic research methodology was used, which included the analysis of books and articles on academic and scientific websites selected from electronic databases such as: Scielo and PePSIC in the years 2014 to 2021. The study was based on a qualitative approach and focused on understanding the autism spectrum disorder and how Gestalt therapy can be applied in the therapeutic intervention process. The article provides a review of the literature on autism spectrum disorder, presents the fundamental principles of Gestalt therapy and forms of therapeutic intervention from the perspective of Gestalt therapy.

Keywords: Autistic spectrum disorder, Gestalt therapy, therapeutic intervention. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento social, emocional e comportamental de uma pessoa. É caracterizado por dificuldades na comunicação e interação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos, sendo uma condição complexa que requer uma abordagem multidisciplinar para sua compreensão, percepção, consciência, ajuste, autorregulação e intervenção.

Nesse contexto, a Gestalt-terapia surge como uma abordagem que pode ser aplicada no processo de intervenção terapêutica em pessoas com TEA. É uma abordagem humanista e integrativa que busca compreender o indivíduo em sua totalidade, considerando seus aspectos emocionais, comportamentais e cognitivos.

O objetivo desse artigo é compreender o Transtorno do Espectro Autista e o processo de intervenção na perspectiva da Gestalt-terapia. Para isso, será realizada uma pesquisa bibliográfica, analisando autores de livros e artigos em sites acadêmicos selecionados em base de dados eletrônicos como: Scielo e PePSIC nos anos de 2014 a 2021.

Este estudo pretende oferecer uma visão geral do Transtorno do Espectro Autista, bem como apresentar os princípios fundamentais da Gestalt-terapia. Além disso, busca-se explorar a forma como essa abordagem pode ser aplicada no processo de intervenção terapêutica para pessoas com TEA. Espera-se, assim, contribuir para a compreensão e desenvolvimento de práticas terapêuticas mais efetivas e integrativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Transtorno do Espectro Autista

O termo "autismo" tem origem na palavra grega "autos", que significa "eu mesmo" e expressa a ideia de autorreferência ou autorreclusão. O autismo é um distúrbio do neurodesenvolvimento que se manifesta por meio de desafios persistentes na interação social, comunicação e presença de comportamentos restritivos e repetitivos. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Tanto o DSM-5 quanto a CID-11 classificam o autismo como um transtorno do espectro autista (TEA), que é dividido em diferentes níveis de gravidade ou deficiência intelectual e linguagem funcional. Enquanto o DSM-5 avalia o nível de funcionalidade, a CID-11 leva em consideração esses fatores específicos para ter os critérios e manifestações do TEA. No entanto, ambas as classificações concordam que o autismo é um transtorno complexo que se apresenta de maneiras diferentes em cada indivíduo. (FERNANDES, TOMAZELLI e GIRIANELLI, 2020).

Riviere (2004) apresenta dimensões que caracterizam o TEA. São elas: estabelecimento de vínculos, teoria da mente¹, linguagem e comunicação, dificuldades em antecipar eventos e inflexibilidade e estereotípias, ausência do jogo simbólico.

Ratey e Johnson (1997) descrevem o autismo como uma síndrome silenciosa, já que as pessoas acometidas muitas vezes têm dificuldade em expressar seus pensamentos e sentimentos, o que pode levar a mal-entendidos e isolamento social. No entanto, eles também destacam que, com o diagnóstico e tratamento adequados, as pessoas podem aprender a se comunicar e interagir socialmente de maneira mais eficaz, o que pode melhorar sua qualidade de vida e ajudá-las a alcançar seu potencial máximo.

No que diz respeito a aprendizagem, os mesmos autores citados propõem diferentes estratégias para ajudar pessoas afetadas por transtornos e síndromes, são elas: compreender as necessidades individuais; criar um ambiente seguro, estabelecer rotinas, usar recursos visuais e fornecer apoio social. Acrescentam ainda que cada indivíduo possui singularidades e, por isso, pode requerer abordagens personalizadas para atingir toda a sua capacidade.

¹ Outra característica presente nesse grupo de transtornos é a falta de intersubjetividade, ou seja, a criança ou o adulto com TEA apresenta dificuldade para compreender as pessoas e para empatizar com elas. Isso ocorre porque ela não desenvolve uma "teoria da mente", ou seja, é incapaz de se colocar no lugar do outro, de adivinhar suas intenções, interpretar suas expressões faciais e emoções.

Assim como destaca Rogers (2009) cada indivíduo é como uma ilha, no sentido concreto do termo. Para se comunicar com outras ilhas, é preciso que a pessoa esteja disposta a ser autêntica e que lhe seja permitido ser quem realmente é. A autorrealização é uma consequência natural e inevitável da maturidade psicológica, e ninguém pode ser verdadeiramente autêntico enquanto não se aceitar plenamente. Além disso, só é possível ser plenamente aceito pelos outros quando se realizou todo o seu potencial.

Neste sentido, observamos que a importância de ser autêntico e aceitar a si mesmo também é relevante para as pessoas que têm Transtorno do Espectro Autista, esse pode ajudá-las a desenvolver habilidades sociais e emocionais, melhorando suas relações interpessoais.

Conforme destaca Freitas (2020) o autista percebe o mundo através de sua consciência corporal, sendo crucial para ampliar o conhecimento científico e, mais importante ainda, permitir que indivíduos com TEA sejam compreendidos. Essa compreensão é essencial para desenvolver atitudes interpessoais adequadas, bem como métodos terapêuticos ou pedagógicos que atendam às necessidades dessas pessoas.

Inclusão

Demeterko e Somavilla (2021) destacam que a inclusão é um processo bidirecional e relacional, onde tanto o incluído quanto o incluidor precisam estar envolvidos. A ênfase está na interação entre os sujeitos, e não somente em cada um deles individualmente. Quando se trata de incluir pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), torna-se crucial o refletir e estudar sobre o assunto, a fim de criar possibilidades de uma inclusão efetiva nos contextos educacionais e sociais.

Neste sentido, Freitas (2020) conclui que a estruturação do próprio corpo de um indivíduo é influenciada por sua história pessoal, incluindo suas condições clínicas, suporte social (familiar, terapêutico e escolar), aptidões e aprendizagens. Cada processo de desenvolvimento é único e moldado pelas relações humanas e oportunidades culturais disponíveis. Para pais e profissionais (como terapeutas, educadores e pesquisadores), compreender essa complexidade requer sensibilidade perceptiva e uma cognição que envolva reciprocidade na percepção e ser percebido.

É importante dar legitimidade à maneira singular de ser e estar no mundo não somente na clínica, mas também no processo de inclusão escolar. Identificar as "pontes" e "pistas" para acessar o contato com a criança e a partir daí, ampliar as possibilidades para efetivar a inclusão. Estar atento a essas pontes e pistas é crucial no atendimento educacional à pessoa com TEA,

uma vez que constituem o foco de interesse que pode abrir portas para o estabelecimento de um vínculo genuíno, permitindo novas intervenções e estimulações que ampliarão o contato, a tomada de consciência e a flexibilidade. (DEMETERKO e SOMAVILLA, 2021).

A autora Freitas (2020) apresenta que quando se trata de inclusão educacional, é fundamental que haja comprometimento social, ético, legal e governamental para promover condições de aprendizagem que atendam às necessidades específicas de cada indivíduo. Cada pessoa tem sua própria história pessoal e, embora as condições clínicas sejam importantes, é essencial desenvolver a sensibilidade perceptiva nas relações entre pais, profissionais e terapeutas, levando em consideração a reciprocidade de perceber e ser percebido. Em outras palavras, é necessário considerar o pensamento "eu penso, logo existo" para promover a inclusão e a compreensão mútua.

Gestalt-Terapia

Para entender como pode ser efetiva no tratamento do Transtorno do Espectro Autista, é crucial compreender os principais conceitos e objetivos dessa abordagem.

Para Perls (1977), embora seja formalmente apresentada como um tipo de psicoterapia, a Gestalt-terapia é fundamentada em princípios que são considerados como uma forma saudável de viver. Em outras palavras, é, primeiramente, uma filosofia de vida que pode ser aplicada para beneficiar outras pessoas. A prática da Gestalt-Terapia é a materialização dessa filosofia na vida cotidiana. É gratificante observar que o Gestalt-terapeuta é valorizado pelo seu caráter pessoal, em vez de ser avaliado apenas pelo que ele faz ou é.

Nessa teoria entendemos que o desenvolvimento do homem é constante em toda sua vida, e se dá pela relação que cada indivíduo estabelece com o mundo encontrando recursos disponíveis para transformações do meio, e podemos chamar esse desenvolvimento de “interação”.

A abordagem da Gestalt-terapia destaca-se na Psicologia por conceber o indivíduo como um ser integral e singular, valorizando suas potencialidades e autonomia. Esse pensamento, que tem origem no humanismo, permeia os seus pressupostos filosóficos. (SOARES e FERREIRA, 2018).

Demeterko e Somavilla (2021) ao citar Brandão (2017) apresentam que na clínica de orientação gestáltica, a ênfase é dada à visão da totalidade do ser. Embora reconheça-se a importância da identificação das características sintomáticas descritas pelos manuais médicos, é crucial ir além disso, contemplando a pessoa sem restringir-se apenas ao código que classifica

a doença.

Conceitos e Intervenções Clínicas

Axline (1972) a ludoterapia é uma forma de terapia infantil baseada no uso de brinquedos e jogos para ajudar as crianças a expressar seus sentimentos, pensamentos e conflitos internos. Através do brincar, as crianças podem explorar e entender melhor suas emoções e comportamentos, enquanto desenvolvem habilidades sociais e emocionais importantes.

Conforme destacam Demeterko e Somavilla (2021) ao trabalhar com pessoas do espectro autista, é importante ter conhecimento dos critérios diagnósticos descritos. No entanto, é fundamental reconhecer e considerar a singularidade do indivíduo, valorizando-o em sua totalidade.

Conforme destacam Soares e Ferreira (2018) na visão gestáltica, o desenvolvimento humano é resultado das interações entre o organismo e o meio, buscando formas de se ajustar às demandas e estabelecer contato. Na clínica infantil gestáltica, a atenção se volta para a maneira como a criança estabelece contato com o meio por meio das suas funções do contato. O objetivo é trabalhar esse processo para que a criança possa estabelecer contatos mais saudáveis e positivos.

As autoras Soares e Ferreira (2018) apontam que a abordagem da Gestalt-terapia tem como objetivo restabelecer o contato entre o organismo e o meio em que ele está inserido, buscando interações funcionais que promovam o crescimento. Na clínica infantil Gestáltica, esse processo é direcionado para expandir as fronteiras de contato da criança, bem como seus recursos internos, de modo a reduzir a rigidez e aumentar a fluidez. Através do despertar da *awareness*², a criança é incentivada a perceber a si mesma como um indivíduo único no mundo, com necessidades e demandas a serem atendidas em um mundo em constante mudança e relação com os outros.

O trabalho do psicoterapeuta com uma criança que apresenta TEA requer comprometimento e persistência em estar presente, mesmo quando a criança se encontra imersa em seu mundo existencial. O objetivo é ajudá-la a conhecer e explorar suas funções do contato, incentivá-la a brincar e descobrir-se a cada momento, a fim de ampliar seu caminho rumo ao contato e crescimento no ritmo que for possível. Embora o funcionamento autista apresente

² Na Gestalt-Terapia, um dos conceitos fundamentais é o de *awareness*, que se refere à consciência de si e à percepção consciente do ambiente. Trata-se da tomada de consciência global do momento presente, envolvendo a percepção pessoal, corporal, emocional e ambiental como um todo.

uma padronização no comportamento, a psicoterapia é possível, mas devido aos comprometimentos na função id³ e na fronteira de contato, pode ser um processo mais trabalhoso e demorado. Cada sessão é uma construção conjunta entre terapeuta e criança, um desafio que pode apresentar dificuldades, mas também progressos. (SOARES e FERREIRA, 2018).

De acordo com Amescua (1999) a criança com funcionamento autista apresenta dificuldades em distinguir entre o Eu e o Tu e entre os objetos internos e externos, resultando na falta de clareza na consciência de si mesma e do outro. Essa dificuldade também se reflete na utilização de pronomes, uma vez que a criança não consegue se perceber como um "Eu" individualizado. Para ajudar a trabalhar essa questão, uma possibilidade seria a utilização de jogos que delimitam superfícies, auxiliando a criança a identificar suas próprias fronteiras e a se diferenciar enquanto um Eu autônomo.

Barros (2014) apresenta que é fundamental que o terapeuta esteja ciente dos sintomas e defesas apresentados pelo cliente autista, uma vez que lidar com pessoas com essa condição requer extrema cautela. Qualquer ação inadequada pode resultar em uma resposta defensiva, como o mutismo⁴ ou isolamento. Para promover a melhora do paciente, é possível utilizar intervenções que ajudem a ajustar suas defesas diante das demandas sociais e evitar o isolamento. É importante ressaltar que tais ajustes precisam ser ensinados ao paciente, visto que suas emoções e sentimentos são aprendidos de maneira diferente. Além disso, é comum que autistas tenham dificuldades em entender metáforas e por isso desenvolvem defesas particulares para lidar com as demandas do cotidiano.

As reações defensivas em autistas podem se manifestar de diversas formas, como falta de interesse em interação social, evitação do contato visual, redução das expressões faciais, diminuição de comportamentos não-verbais, dificuldade em manter conversas ou mesmo a ausência de diálogo, além de estereótipos comportamentais e repetições de comportamentos. O terapeuta precisa reconhecer essas defesas e identificar as possibilidades de aprendizado do paciente, com o objetivo principal de promover o desenvolvimento da personalidade do autista,

³ A função id do self tem como base o corpo, que é percebido e sentido como um sistema proprioceptivo e perceptivo, englobando desejos, necessidades, apetites, excitações orgânicas, situações inacabadas, dores e emoções que nos impulsionam em direção a algo, a um futuro imediato, sempre em relação com o ambiente. Nesta fase, predominam as sensações e há um estado de inconsciência, com sentimentos incipientes. Não há uma sensação individual de si mesmo, mas sim passividade e dispersão, em que a vivência se dissolve no meio. É a partir deste fundo indiferenciado de possibilidades que surge o apetite que direcionará a ação.

⁴ Mutismo é um termo usado para descrever a condição em que uma pessoa é incapaz de falar ou se comunicar verbalmente. O mutismo pode ser temporário ou permanente e pode ser causado por diversas razões, como traumas emocionais, transtornos de ansiedade, autismo, deficiência intelectual, entre outros.

sem necessariamente focar na sua socialização. (BARROS, 2014).

Observamos que o processo de autoregulação orgânica permite alcançar o melhor equilíbrio entre o organismo e o ambiente, o que é conhecido como ajustamento criativo. Esse ajustamento é essencial para o autista, pois lhe permite expressar suas necessidades e recuperar o equilíbrio necessário. É crucial respeitar, acolher e estimular esses ajustes criativos, permitindo que o autista entre em contato com seu corpo, suas necessidades, o ambiente e o momento presente. Cada autista é único, e não existe um padrão definido para esse ajuste criativo. É necessário considerar cuidadosamente a história e o contexto individual de cada pessoa.

Corroborando Marques et al (2019) reforça que A abordagem gestáltica dispõe de pressupostos e teorias que capacitam o Gestalt-terapeuta a compreender, interagir e auxiliar a criança, levando em consideração o seu próprio estilo terapêutico e reconhecendo que, mesmo com a suspeita ou diagnóstico de TEA, cada criança possui uma forma singular de funcionar.

Observamos que o processo psicoterápico não segue um padrão fixo. É importante despertar o interesse da criança e proporcionar alívio por meio de jogos, brincadeiras, desenhos, bonecos, carrinhos, fantoches e outros recursos utilizados na psicoterapia.

Essas atividades permitem que a criança autista construa significados, amplie sua conscientização, desenvolva autonomia e equilíbrio emocional, além de contribuir para o desenvolvimento social, motor e cognitivo. Tornar esse espaço acolhedor e lúdico é fundamental para promover um ambiente seguro e propício à aprendizagem e ao desenvolvimento da criança com autismo.

3 METODOLOGIA

Para alcançar esse objetivo, foi utilizada uma metodologia de pesquisa bibliográfica, que incluiu a análise de livros e artigos em sites acadêmicos e científicos selecionados em base de dados eletrônicos como: Scielo e PePSIC nos anos de 2014 a 2021. O estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa e teve como foco compreender o transtorno do espectro autista e a forma como a Gestalt-terapia pode ser aplicada no processo de intervenção terapêutica. O artigo fornece uma revisão da literatura sobre o transtorno do espectro autista, apresenta os princípios fundamentais da Gestalt-terapia e formas de intervenção terapêutica na perspectiva da Gestalt-terapia.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A abordagem Gestalt-terapia não se concentra na causa do autismo ou de uma doença, mas sim na forma como a pessoa com autismo lida com suas limitações e dificuldades por meio de ajustes criativos. É importante entender a pessoa como um todo, considerando seu campo e suas interações, e não apenas a psicopatologia. Seguindo essa perspectiva, é preciso se desvincular da imagem do comportamento autista em si para compreender a criança como um todo e obter uma visão mais ampla sobre sua identidade. (SOARES e FERREIRA, 2018).

De acordo com Marques et al (2019) o terapeuta Gestalt precisa adotar uma postura fenomenológica, concentrando-se no aqui e agora e na singularidade de cada sessão terapêutica, desenvolvendo intervenções que atendam às necessidades específicas da criança com disponibilidade, paciência e flexibilidade. Para a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a relação terapêutica deve buscar fornecer um contato nutritivo consigo mesma e com o ambiente, despertando a consciência de seus sentidos, de seu corpo e de aspectos de sua identidade, de modo que ela possa agir e interagir coerentemente com suas particularidades.

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações apresentadas neste artigo, podemos concluir que o Transtorno do Espectro Autista é uma condição complexa e multifacetada que afeta o desenvolvimento social, emocional, comportamental e cognitivo de uma pessoa.

No entanto, também é importante notar que o TEA não é uma sentença de vida limitada. Com o diagnóstico e tratamento adequados é possível aprender e desenvolver habilidades sociais, comportamentais e de comunicação para se integrar com sucesso em suas comunidades e alcançar uma vida plena e satisfatória.

A Gestalt-terapia pode ser uma abordagem útil no tratamento de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que enfatiza a importância da experiência do indivíduo no momento presente e a promoção de uma maior consciência emocional e sensorial. A Gestalt-terapia pode ajudar as pessoas com TEA a desenvolver uma maior compreensão de suas experiências e emoções.

A Gestalt-terapia enfatiza a importância do momento presente, da experiência direta e da integração mente-corpo, respeitando o ser em sua singularidade, percebendo em possibilidades de ser e estar, encorajando o cliente a se tornar mais consciente de si mesmo e de seus relacionamentos interpessoais.

Concluimos que a abordagem da Gestalt-terapia no processo de intervenção terapêutica para pessoas com TEA poderá ser utilizada, levando em conta os estudos, resultados presentes e novas possibilidades para clientes atendidos.

6 REFERÊNCIAS

AXLINE, V.M. **Ludoterapia: A dinâmica interior da infância.** Minas Gerais, Editora Interlivros, 1972.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders.** 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing; 2013.

AMESCUA, G. **Autismo na Teoria Gestalt: Em direção a uma Teoria Gestalt da Personalidade.** Gestalt Review. Xalapa, México. 1999.

BARROS, M.N. **O psicoterapeuta invisível: reflexões sobre a prática Gestáltica com ajustamentos autistas.** 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100012
Acessado em 11/04/2023.

DEMETERKO, A.M.B.; SOMAVILLA, F.C. **Compreensões gestálticas e gestaltpedagógicas sobre o autismo.** Rev. NUFEN. Vol.13, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000100002
Acessado em 15/04/2023.

FERNANDES, C.S; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V.R. **Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas.** Psicol. USP 31. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4W4CXjDCTH7G7nGXVPk7ShK/?lang=pt>
Acessado em 12/04/2023.

FREITAS, A. B. M. **Contribuições da fenomenologia da percepção para compreender a corporeidade de pessoas com autismo.** Educação e Filosofia. Vol. 65. Uberlândia, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-596X2018000200463&lng=en&nrm=iso Acessado em 05/04/2023.

MARQUES, M.A.N.; CARDOSO, F.P.; GOMES, S.A.C.; MARQUES, B.B. **A Criança com Transtorno do Espectro Autista na Perspectiva da Gestalt-terapia: uma revisão integrativa.** Revista IGT na Rede. Vol. 16. 2019. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/571/793> Acessado em 15/04/2023.

RATEY, J.J. e JOHNSON, C. **Síndromes Silenciosas: Como reconhecer as disfunções psicológicas que alteram o curso de nossas vidas.** Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 1997.

RIVIERE, A. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento.** In: COLL, C. et al. Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3.

ROGERS, C.R. **Tornar-se pessoa.** 6.ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009.

PERLS, F.S. e Org. **Isto é Gestalt.** Summus: São Paulo, 1977.

SOARES, M.N.S.; FERREIRA, W.N.B. **O funcionamento autista sob a ótica da clínica gestáltica.** Rev.Nufen: Phenom. Interd. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v10n2/a06.pdf> Acessado em 15/04/2023.